

VIOLA, I. C. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

EFEITO EXPRESSIVO DAS VARIANTES ESTILÍSTICAS DO /r/

Izabel Cristina VIOLA (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

ABSTRACT: This work discusses the stylistical uses of the /r/ variation orally expressed in the poem “I-Juca Pirama”. The variation can evolve as a dynamic unit in a continuum (from friction to vibration) by using a multiple alveolar trill and a glottal fricative when manifesting anger and sadness in the speech.

KEYWORDS: Articulatory gestures; Phoneme /r/; Stylistics; Variants.

0. Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir os usos estilísticos das variantes do fonema /r/ na interpretação em forma de ato teatral, do poema “I Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, por um ator profissional.

No Português Brasileiro, o fonema /r/ ocorre no início e final de sílaba, em ataque e coda. Quando em posição medial de palavra entre vogais, opõe-se ao /r/ (carro-carro, por exemplo), mas quando em posição de coda silábica, essa oposição desaparece. São condicionantes das variações da pronúncia do /r/ os fatores lingüísticos, extralingüísticos e paralingüísticos. Neste trabalho, o foco é nas variantes determinadas por aspectos paralingüísticos, mais especificamente, investigar o uso das variantes de /r/, em relação à expressão de emoções e atitudes.

1. Fundamentação teórica

As realizações do fonema /r/ do Português Brasileiro apresentam variações quanto a ponto e modo de articulação e voz. Podem ocorrer como sons obstruintes fricativos ou como ressoantes líquidas (flape e vibrante). Os fricativos podem ser velar, uvular ou glotal, surdos ou sonoros. Os vibrantes variam de acordo com o ponto articulatorio (alveolar ou uvular). Ambos, flapes e vibrantes são sonoros. Do ponto de vista articulatorio, Callou, Moraes e Leite (1996) afirmaram que as variações encontradas para o /r/ em posição de coda podem ser atribuídas ao espaço articulatorio existente tanto na dimensão vertical da boca (grau de abertura), quanto longitudinal (área de articulação). As variantes surdas são comuns antes de pausa silenciosa.

Lima (2003) sintetizou os trabalhos sobre as variantes de /r/ realizados no Brasil (apresentados no anexo 1) e observou que há uma tendência geral de mudança na norma de pronúncia do /r/ em posição de coda silábica que permite dividir o Brasil em duas áreas dialetais, partindo do Rio de Janeiro, para cima e para baixo. Acima, em direção ao Norte, predominam as variantes posteriores velares sonoras [ɣ], uvulares surdas [χ] e glotais surdas [h] e sonoras [ɦ], enquanto que abaixo do Rio de Janeiro (em direção Sul), predomina a pronúncia das vibrantes simples ([r]). No anexo 1 pode ser verificado como estas variações são expressas no alfabeto fonético internacional.

Callou e Leite (1990) encontraram no dialeto carioca a vibrante múltipla anterior ápico-alveolar sonora ([r]) e a posterior-uvular ([R]); a fricativa velar surda ([x]) e a glotal surda ([h]). No final de palavra, a variante pode reduzir-se ao zero fonético (Ø) ou realizar-se como vibrante simples, quando a palavra seguinte começa com vogal (como em “mar aberto”). Na versão culta do dialeto as variantes posteriores são mais comuns do que as anteriores. A articulação anterior foi substituída pela realização posterior em português e em outras línguas, não só uma mudança quantitativa no número de vibrações (vibrante simples e múltipla), mas também qualitativa, do ponto de articulação (de alveolar para uvular ou velar) e de vibrante para fricativa. Estas mudanças podem ser atribuídas a processos fisiológicos de relaxamento e comodidade articulatória, vista na tensão necessária para se articular as vibrações da variante ápico-alveolar, para a fricativa velar e desta para uma aspiração da fricativa glotal. Em 1990, as autoras afirmaram que estas mudanças no PB parecem datar do final do século XVIII e as diversas pronúncias ainda concorrem, embora a realização ápico-alveolar seja considerada uma forma padrão básica para a linguagem do rádio, teatro e televisão, dado ser esta uma variante considerada de maior prestígio.

Barbosa (1996), a partir de dados de um falante, encontrou as seguintes durações dos fonemas /r/ /□/ em Português: 47 ms para o flape simples ([r]); 62 ms para a fricativa uvular sonora ([ʁ]) e 81 ms para a vibrante múltipla ([r]). Silva (1996) encontrou 37ms para o [r] na posição intervocálica; 30 ms em grupo consonantal e 26 ms no final de palavra; 113 ms para [r], em início de palavra, e 110 ms na posição intervocálica.

A fricativa glotal usualmente é encontrada em posição prosódica fraca, na fala casual, segundo Barbosa e Albano (2004). Em posição de coda, a realização do arquifonema /R/ é muito variável e eventualmente pode ser realizado como vibrante simples (flape). A possibilidade de co-

ocorrência de várias pronúncias do fonema /r/ num mesmo contexto fônico no interior de um mesmo dialeto, determinadas por características prosódicas, foi estudada por Silva e Albano (1999), a partir da ocorrência de segmentos vibrantes superarticulados próximos a fronteira prosódica forte e dos segmentos hipoarticulados ocorrem, normalmente, em fraça. Estas possibilidades indicam a existência de um *continuum* físico na pronúncia do /r/. O condicionamento prosódico das variações gradientes coloca em questão a visão dos sons como categoria, correspondente aos símbolos estáticos. Como gradientes, os sons correspondem a unidades dinâmicas - os gestos articulatórios.

Geyer e Moosmüller (2001) discutem o uso da variante fricativa vibrante uvular (do fonema /k x/) como tentativa de preservar um idioma. A comunidade Tischelwang/ Timau (região Carnia, Itália) como objeto de estudo, experimenta uma reestruturação do idioma germânico (dialeto germânico, do sul da Bavária) para o românico devido à influência crescente do idioma italiano na língua local. Por questões geopolíticas e sociais históricas, houve uma época que a língua materna da comunidade era dialeto germânico arcaico, mas usavam na fala coloquial o Friulian e nos documentos oficiais o italiano. A pronúncia correta do fonema /k x/ seria como pós-velar, muito difícil de ser articulado por uma língua românica. Assim, as variantes incluem mudanças de modo de articulação (\pm africado) e/ou ponto de articulação (\pm posterior). As variantes fricativa vibrante uvular e africada (realizada articulação pós-velar) impõem uma articulação anterior ao fonema posterior, o que confere uma característica saliente particular, como na articulação do fonema de forma pós-velar. Segundo as autoras, a produção de fricativas vibrantes é típica da língua Czech e a fricativa vibrante uvular é descrita como variante de /R/, no francês.

Quando o uso das variantes do /r/ referem-se a aspectos paralingüísticos da fala é indissociável a interpretação simbólica dos sons, tanto que a busca de apreensão do valor expressivo dos sons, calcados na impressão auditiva, levou alguns gramáticos a adotar denominações como sibilante, chiante, vibrante, rolado e aspirado.

Platão (s/d), discutindo a natureza da associação entre o som e sentido, por natureza ou por convenção, atribuiu semelhança à letra “r” com o movimento, à agitação e à dureza. Callou e Leite (1990:104) apontaram que “os romanos consideravam o /r/ *littera canina*” – o som que lembra o rosnar de um cão, de forma que a vibrante pronunciada com um rolamento mais ou menos forte seguida de vogal clara assemelha-se a

um ranger dos dentes e quando seguida de vogal grave exprime um ronco, um estrondo.

A idéia de mais e menos expressivo está embutida na proposição de Câmara (1953) quando, na observação direta da fala cotidiana, analisou os traços fonéticos de expressão das variantes estilísticas do Português, que não influenciam na função distintiva, mas envolveram uma carga afetiva. Citou que o /r/ emitido com intensificação de vibrações aumenta sua duração e rolamento.

Fónagy (1983), estudando as metáforas fonéticas em diferentes línguas, na literatura e na poesia, indicou que o valor estilístico de uma variante não depende unicamente da interpretação inconsciente do gesto fonatório, mas também do grupo social e de idade que prefere certa variante. Assim, relacionou por um lado, o uso do [r] apical múltipla à pulsão genital masculina, exteriorizado em ações e acontecimentos violentos, agressivos e a masculinidade, por outro, a variante múltipla ([R]) e as fricativas uvulares ([χ, ʁ]) à sinais de fraqueza, de caráter ou de idade. Afirmou que a dureza da variante apical múltipla ([r]) é qualitativamente diferente da dureza das oclusivas surdas, das constrictivas laríngeas e faríngeas, pois está relacionada à idéia de grandeza e de majestade. O r “mais fortemente rolado” ([r] apical múltiplo) confere às línguas espanhola e italiana um caráter de masculinidade, já o enfraquecido do francês não está mais associado à idéia de violência. A respeito deste enfraquecimento, afirmou que, na época de Victor Hugo, o ([r]) apical múltiplo cedeu lugar ao ([R]) múltiplo uvular e ao ([ʁ]) fricativo uvular, mais amáveis e mais populares nos meio aristocráticos, distinguindo as “castas dominantes das massas do povo baixo” (p.96), de forma que a “renúncia da agressividade fálica a uma manifestação muito direta da força viril parece corresponder a certas tendências da civilização mundana” (Fónagy, 1983:102).

Rocha Filho (1989) destacou o uso da vibrante alveolar como uma marca sonora típica dos locutores de futebol no Brasil, para possivelmente dar um caráter eloqüente ao discurso e que, em muitos momentos, funciona como pausa.

Madureira (1992) encontrou variações estilísticas no uso do /r/ de um orador em situação de palestra. As variantes fricativas uvular e glotal apareceram alongadas mais freqüentemente quando a fala do conferencista tornava-se enfática ou extremamente enfática.

O uso estilístico das variantes de /r/, portanto, compreende a expressividade da fala e vincula-se aos efeitos de sentido produzido por sons da língua. É no elo indissociável entre forma e conteúdo, que o

falante resgata a individuação e variabilidade do código, a incorporação do social e do afetivo.

2. Métodos

O *corpus* foi constituído a partir da interpretação, registrada em CD, do Ato Teatral de “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, por um ator profissional. Conforme a biografia do ator, com 80 anos na época da gravação do poema, ele viveu desde pequeno entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. A seleção dos trechos para análise baseou-se em critério auditivo á partir das palavras contendo as variantes de /r/ salientes acusticamente. Tais palavras, por vezes, apresentavam carga semântica relativa à expressão de emoções e atitudes, como por exemplo, “horror”. Contudo, outras não apresentavam tal conotação como, por exemplo, “terra”. Dois julgadores ouviram os trechos onde as palavras escolhidas se inseriam e categorizavam as emoções em alegria, desdém, medo, raiva, ódio, ansiedade, tristeza e não marcada (quando uma emoção não foi identificada). Categorizaram também as variantes, de forma auditiva com apoio da análise fonético-acústica, no programa Praat, versão 4.2.18 (especificamente através da inspeção espectrográfica e da forma da onda).

A análise dos dados contemplou as medidas de duração da palavra e dos seus segmentos e medidas de frequência fundamental (doravante f_0) da vogal tônica, anterior ou posterior a variante. Pela impossibilidade em se medir o período de obstrução e o início do segmento plosivo em início de palavra, o segmento foi desconsiderado na medida da duração total da palavra. Tais medidas foram selecionadas porque se pretendia avaliar o papel do alongamento do segmento e a variação de f_0 , uma vez que estas são as medidas que carregam a informação emotiva (Fónagy, 1983; Scherer, 2003).

Os resultados poderão ser lidos na tabela 1. As medidas de duração da variante aparecem em ms e no percentual (%) que ela representa na duração total da palavra. O valor médio ou a variação da f_0 medidos na vogal tônica é apresentada em Hz.

3. Resultados

A vibrante múltipla alveolar ([r]) esteve presente na posição inicial de sílaba (*rito*) e na intervocálica (*torre*); no final de sílaba medial em palavras (*larvas e cobarde*) e no final de palavras (*terror*) (tabelas de 1 a 5). O alongamento da vibrante foi observado sistematicamente (variação 93-411ms), sendo que a variante chega a ocupar 54% do total da duração da palavra (*torre*). O número de batidas variou de 3 a 8. A

sílaba tônica da palavra que antecede ou sucede a vibrante apresentou regularmente f_0 bastante elevado (o valor mais alto foi 401 Hz em torre).

Em posição de ataque emergiu uma variante realizada com a presença de vibração e fricção (ou vice-versa), aqui denominada de tipo misto, descrita como fricativa vibrante por Geyer e Moosmüller (2001). Os juizes estabeleceram uma diferenciação auditiva do componente predominante na emissão da variante, ora a fricção, ora a vibração. Na posição de início e meio de sílaba as variantes apresentam-se com a duração alongada, se considerado a duração média de 62 ms da fricativa uvular sonora ([ʁ]), segundo Barbosa (1996).

Na produção das palavras com variantes do tipo misto, o valor de f_0 da vogal tônica mostrou-se mais elevado nas palavras com predominância do componente de vibração (VF) do que nas com predominância de ruído fricativo (FV). Hipotetizou-se que houvesse um contínuo entre a fricativa e a vibrante, comprovado nas produções comparativas de uma mesma palavra (guerreiro, terra e morrer). Nas três produções a variação articulatória do /r/ ocorreu conjuntamente com o aumento gradual de f_0 na vogal tônica, ou seja, em emissões com valores mais baixos de f_0 houve predominância do uso da variante fricativa e nas emissões com valores mais altos de f_0 a predominância da variante vibrante. A análise das seis emissões da palavra “guerreiro”, sumarizados na tabela 2, ilustra melhor a relação entre o contínuo e a emoção.

Os três enunciados da palavra “terra” tratava o mesmo conteúdo semântico de estar sozinho, mas expressaram raiva e tristeza. No contexto da expressão de raiva (terra 2 e 3), a vibração da variante aumentou com o alongamento da palavra e com a elevação da frequência da vogal tônica. O uso da variante fricativa glotal surda ([h]) de longa duração expressou tristeza e na palavra “morrer” apareceu no final do enunciado. Tal fato poderia não apresentar relevância, dado que antes de silêncio, em Português Brasileiro, são utilizadas variantes surdas. Entretanto, no contexto aqui referido, destaca-se o valor metafórico de finalização não presente nas outras duas emissões das palavras, ou seja, a finalização da palavra ocorre com uma voz grave, que vai sumindo lentamente no contexto quando não há alternativa que não a morte (morrer 2).

4. Discussão

Ao se investigar o uso das variantes de /r/ em relação à expressão de emoções e atitudes, pôde-se perceber que na fala do sujeito apareceram diversas variações, que se realizaram em diferentes espaços articulatórios: vibrante alveolar simples e múltipla; vibrante múltipla alveolar e uvular;

fricativa uvular, velar e glotal e a fricativa vibrante (Geyer e Moosmüller, 2001). Contrapondo com os dados biográficos do ator, pode-se afirmar que esta presença constitui um traço articulatório regional (Lima, 2003), ao mesmo tempo, que mostra a preservação da chamada forma culta do Português (Callou e Leite, 1990), dado que o sujeito sempre viveu entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo e por sua idade certamente acompanhou os processos de mudanças do fonema /r/.

A escolha da vibrante alveolar múltipla em posição de ataque e sua realização com alongamento também podem ser consideradas uma marca expressiva de caráter estilístico (Rocha Filho, 1989), em favor da expressão de emoções e atitudes. A forma da palavra contrasta e marca os contextos falados, tornando a palavra mais enfática e intensificando sua emoção (Madureira, 1992).

A variante tipo mista condiz com a existência de um *continuum* físico na pronúncia do /r/, ou seja, uma gradação entre os modos de articulação fricativo e vibrante (Silva e Albano, 1999; Geyer e Moosmüller, 2001; Barbosa e Albano, 2004) que explicita os processos fisiológicos de relaxamento e comodidade articulatória (Callou e Leite, 1990).

A vibrante múltipla alveolar ([r]) realizada com alongamento e acompanhada de palavra com vogal tônica de valor elevado de f₀ está presente em contextos cujas emoções expressas são o desdém, a raiva, ódio e o medo - todos sentimentos de uma mesma natureza: a agressividade. Na palavra “horror”, o locutor escolheu uma variante ([R]) vibrante múltipla uvular, que estimula o movimento contraído da musculatura faríngea, o vômito, o que enfatiza o asco e o nojo do contexto. Em ambas situações, é o caráter simbólico de duro, agressivo e violento (Platão, s.d.; Fónagy, 1983) materializado no alongamento da variante vibrante (alveolar ou uvular), seja pelo ódio explícito ou não (desdém), seja pelo nojo ou pela repulsa.

O aumento da pressão infraglótica e a tensão das pregas vocais podem explicar fisiologicamente a presença da elevação da f₀ na vogal tônica da palavra com variante vibrante. Se a mímica glotal for a mais primitiva e ancestral e a intensidade da contração for correspondente à intensidade da emoção (Fónagy, 1983; Scherer, 2003), a ativação fisiológica do organismo dará o substrato para as modificações na fala. Por um lado, a ativação aumenta o f₀ e a duração do segmento variante (Câmara, 1953), neste caso, aumentando o número de batidas. Por outro lado, a desativação do organismo (na expressão de tristeza) explica a respiração fraca, aquela que desaparece lentamente na realização da

variante fricativa glotal, metaforizada pelo sujeito muito apropriadamente na palavra “morrer 2”, num contexto onde não havia outra alternativa senão dar o “último suspiro”. Em todas as situações, o simbólico está materializado nas escolhas do locutor.

5. Conclusões

A variante /r/ tomada como unidade dinâmica, como um gesto articulatório que pode variar num contínuo entre a fricção e a vibração (inclusive com mais ou menos vibrações) está ao dispor da expressividade do locutor. Esta flexibilidade articulatória põe o som em evidência e permite ao locutor simbolicamente materializar suas emoções deslizando entre dois pólos. De um lado, expressa a agressividade no alongamento de uma variante vibrante e marca suas batidas fortemente. No pólo oposto, expressa a tristeza usando numa variante fricativa glotal, que enfraquece e desaparece suavemente.

ANEXOS

Anexo 1: Grafia das variantes /r/ no alfabeto fonético internacional: fricativa velar – surdo [x] e sonoro - [ɣ]; fricativa uvular - surdo [χ] e sonoro - [ʁ]; fricativa glotal - surdo [h] e sonoro - [ɦ]; vibrante simples (Flape ou tepe) – [r]; vibrante retroflexo – [ɻ]; vibrante múltipla alveolar [r̥]; vibrante múltipla uvular [R]; Apagamento - Zero fonético Ø.

Tabela 1 – Classificação geral das palavras segundo as emoções e atitudes, o tipo de variante usada, a duração da variante em ms e % dentro da palavra e o f0 da vogal tônica

Palavra	Emoção e atitude	Tipo	duração		f0 da vogal tônica (Hz)
			ms	%	
cobarde 3	desprezo	VMA	93	6	124
larvas	raiva	VMA	134	17	180-207
cobarde 4	ódio	VMA	217	18	359
rito 1	raiva	VMA	278	44	243
torre	ódio	VMA	353	54	401
terror 1	medo	VMA	444	48	67
guerreiro 6	raiva	VMU	124	20	219
horror	raiva	VMU	225	26	150- 187
guerreiro 1	não marcado	Fricativa	68	13	126-166

VIOLA, I. C. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

rito 2	não marcado	Fricativa	75	30	124-149
guerreiro 2	não marcado	Fricativa	89	13	128
guerreiro 4	ternura	Fricativa	93	10	154
morrer1	tristeza	Fricativa	111	17	215
morrer 3	tristeza/ determinação	Fricativa	114	17	131
terror 2	raiva	Fricativa	119	12	177
guerreiro 3	neutro	Fricativa	134	33	81
terra1	tristeza	Fricativa glotal	147	30	89
morrer 2	tristeza	Fricativa glotal	249	29	135
terra2	raiva intensa	Misto (FV)	96	19	113
ruge	suspense	Misto (FV)	285	39	127-143
remoça	alegria	Misto (FV)	377	31	103
guerreiro 5	determinação	Misto(VF)	88	20	140-174
terra 3	raiva	Misto(VF)	122	20	230
recua	ansiedade	Misto(VF)	137	36	160
reina	alegria	Misto(VF)	276	54	190
cobarde 1	neutro	Vibrante simples	34	8	133
cobarde 2	raiva	Vibrante simples	35	7	182

Legenda: VMA (vibrante múltipla alveolar), VMU (vibrante múltipla uvular), FV (fricativa vibrante), VF (vibrante fricativa).

Tabela 2 – Classificação geral da palavra GUERREIRO segundo o contexto, o tipo de variante usada, a duração da variante em ms e %, dentro da palavra, e o f0 da vogal tônica

Palavra/ frase	Contexto	Tipo*	duração em ms	duração em %	f0 da vogal
guerreiro 1	neutro	Fricativa	68	13	135
guerreiro 2	neutro	Fricativa	89	13	128
guerreiro 3	suspense	Fricativa	134	33	81
guerreiro 4	ternura	Fricativa	93	10	154
guerreiro 5	determinação	Misto VF	88	20	140-174
guerreiro 6	raiva	VMU	124	20	219

*A vibrante simples na ultima sílaba da palavra não fez parte da análise do *corpus*.

VIOLA, I. C. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Plínio. At least two macrorhythmic units are necessary for modeling Brazilian Portuguese duration. In: First ESCA TRW on Speech Production Modeling and fourth speech production seminar, 1996, Autrans. *Proceedings of the First ESCA TRW on Speech Production Modeling*. Autrans, França, 1996. p. 85-88.
- BARBOSA, Plínio; ALBANO, Eleonora. Brazilian Portuguese. Illustrations of the IPA. *Journal of the International Phonetic Association*, Cambridge, 2004. 34 (2): 227-232.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1990.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João Antonio; LEITE, Yonne. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no Português do Brasil*. In: I.G.V. KOCH (org.) *Gramática do Português Falado. Vol VI*. Campinas: Ed. Unicamp / FAPESP; 1996.
- CÂMARA JC. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3a ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; 1977.
- FONAGY, Ivan. *La vive voix*. Paris: Payot; 1983.
- GEYER, Ingeborg, MOOSMÜLLER, Sylvia. Uvular trilled fricative [Ř] as means of language preservation. *The Phonetician*, 2001-I. 83: 9-22.
- LIMA A. A pronúncia do /r/ pós vocálico na cidade de Cametá-Pa. In: Razky A (org). *Estudos geo-sociolinguísticos no Estado do Pará*. Belém: Gráfica e Editora Grafia; 2003.
- MADUREIRA, Sandra *O sentido do som* [tese] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1992.
- PLATÃO. *Crátilo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa; [s.d.]. Versão do grego. Prefácio e notas pelo P^c Dias Palmeira.
- ROCHA FILHO, Zaldo AB. *A narração de futebol no Brasil: Um estudo fonético-estilístico* [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1989.
- SCHERER, K. Vocal communication of emotion: A review of research paradigms. *Speech Communication*. 2003, 40, 227-256.
- SILVA, Adelaide HP. *Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano*. [tese]. Campinas: Universidade Estadual de SP; 1996.
- SILVA, Adelaide HP; ALBANO, Eleonora. Brazilian portuguese rhotics and the phonetics/ phonology boundary. *ICPhS San Francisco*. 1999; 3: 2211-4.